

PAIVA, V.L.M.O. Interação e aquisição de segunda língua: uma perspectiva ecológica. In: GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Alvaro de; CARVALHO, Alvaro Monteiro (Orgs.) Linguística aplicada e ensino de língua e literatura. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.187-205

## **Interação e aquisição de segunda língua: uma perspectiva ecológica**

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

### **Apresentação**

Neste capítulo discuto o papel da interação na aquisição de segunda língua em uma perspectiva ecológica. Defino o conceito, descrevo seus tipos, recorro a trabalhos que demonstram que a interação é um instinto humano e, em seguida, proponho refletir sobre a interação na sala de aula em uma perspectiva ecológica. Ninguém tem dúvida de que a interação é essencial para a aquisição, mas, ao optar pela perspectiva ecológica, pretendo demonstrar que há tipos de interação que podem trazer empecilhos ao desenvolvimento da língua. Para tanto, utilizo a interação entre plantas em um bioma como metáfora para compreender a interação humana na sala de aula. Exemplifico cada tipo com excertos de narrativas de aprendizagem coletadas por mim e por colaboradores do projeto Amfale (Aprendendo com memórias de aprendizes e falantes de línguas estrangeiras). Esse projeto possui um banco de dados com centenas de narrativas de aprendizes brasileiros, japoneses, chineses e finlandeses que podem ser lidas em <<http://www.veramenezes.com>>).

### **A interação**

A palavra interação é formada pelo prefixo inter-, que implica união, reciprocidade, e o substantivo ação que indica que a interação é uma atividade mútua, exigindo o envolvimento de pelo menos duas pessoas e provocando efeito recíproco.

Na linguística aplicada, Ellis (1999, p.1) define interação como "o comportamento social que ocorre quando uma pessoa se comunica com outra<sup>1</sup>". Ele, também, diz que a interação "pode ocorrer dentro de nossas mentes quando nos envolvemos com um tipo de 'fala privada', como proposto por Vygotsky (1978), e de

---

<sup>1</sup> Esta e as demais traduções são de responsabilidade da autora.

forma menos evidente, quando módulos diferentes da mente interagem para construir uma compreensão de ou uma resposta a algum fenômeno".

Ellis concentra-se na interação como um fenômeno interpessoal e intrapessoal, mas Chapelle (2003, p.56) propõe a adição da interação "entre uma pessoa e o computador". Ela sintetiza, no quadro 1, os tipos básicos de interação à luz de três diferentes perspectivas teóricas de aquisição de segunda língua (ASL) discutidas por Ellis (1999): hipótese da interação (HATCH 1978; LONG, 1996; PICA 1994), teoria sociocultural (LANTOLF e APPEL 1994) e teoria do processamento profundo (CRAIK e LOCKHART, 1972).

Quadro 1. Benefícios de três tipos de interação a partir de três perspectivas

Tipos básico de interação	Perspectivas sobre o valor da interação		
	Hipótese de interação	Teoria sociocultural	Teoria do processamento profundo
Inter-entre pessoas	Negociação de sentido	Co-construção de sentido	Atenção imediata à língua
entre pessoa e computador	<i>Obtenção de mais input</i>	<i>Obtenção de ajuda para uso da língua</i>	<i>Atenção imediata à língua</i>
Intra-dentro da mente da pessoa,	Atenção à forma linguística	Estimulo à voz interior	Processamento Cognitivo de input

Fonte: Table 2.2 in Chapelle (2003, p.56)

Chapelle (2003, p.56) explica que

As células no quadro sugerem os benefícios hipotéticos a serem alcançados através da interação em cada uma das perspectivas teóricas. Por exemplo, na perspectiva da hipótese de interação, é esperado que a interação entre as pessoas promova a negociação de sentido, e se promover, isso deve ser benéfico para a aquisição da língua. Uma vez que as três teorias não abordam especificamente interações aluno-computador, eu inseri as previsões lógicas em itálico.

Outros benefícios da interação podem, provavelmente, ser adicionados ao quadro, tais como construção da identidade e motivação, mas não importa quantos são os benefícios, o fato é que a interação é um instinto humano básico, como destacado por Lee et al (2009), e ocorre de uma forma multimodal e não apenas através de meios orais ou escritos.

### Interação como instinto

De acordo com Lee et al (2009, p. 5) "crucial para a aquisição da linguagem é o que chamamos de "instinto interacional". Esse instinto é um impulso inato nas crianças

para interagir com seus respectivos cuidadores." Ellis (1999) também vê a interação como "o principal objetivo para a capacidade de linguagem específica da nossa espécie" e Tomasello (2003, p.2), ressalta que

leva muitos anos de interação diária com os falantes maduros para que as crianças atinjam habilidades semelhantes às dos adultos, o que significa um longo período de aprendizagem com mais coisas para serem aprendidas – em várias ordens de magnitude – do que é exigido de qualquer outra espécie no planeta.

É bem sabido que a interação é uma característica de qualquer espécie viva. A maioria de nós já viu cães pequenos provocando os grandes; pássaros cantando para chamar seus companheiros ou mesmo para avisar uns aos outros sobre a proximidade de predadores; ou plantas que se deslocam para receber a luz do sol. É possível citar vários exemplos de interação na natureza, mas meu objetivo aqui é falar sobre a interação humana.

Voltando à tese de que a interação é um impulso inato, é possível encontrar vídeos no Youtube que mostram vários pais interagindo com bebês. Um exemplo é *Noah De Leon First Interaction caught on camera* (<<http://www.youtube.com/watch?v=2KdzybMp7ck>> ). Esse vídeo mostra a ansiedade de Noah e sua alegria ao interagir, possivelmente com sua mãe, pois ouve-se uma voz de mulher. Como apenas Noah é mostrado no vídeo, pode-se inferir que mãe e filho fazem contato com os olhos, o que é também uma forma de interação. Noah reage aos estímulos verbais de sua mãe, emitindo sons vocais, sorrindo, e fazendo movimentos diferentes com os braços e a cabeça, em uma interação multimodal.

Um vídeo (veja em <<http://www.youtube.com/watch?v=JIWuQF8EKMs>>) que se transformou em viral na Internet, mostra dois bebês “conversando”. Eles não sabem falar ainda, mas emitem sons (dadadada); modulam a voz, variando a entonação; riem; fazem movimentos com as mãos e com os pés. O mais interessante é que gerenciam turnos com competência e a sobreposição de “fala” é mínima.

Um experimento intitulado “Still Face Experiment” demonstrou como as crianças reagem quando não conseguem interagir com suas mães. No vídeo narrado por Tronick (Veja em <http://www.youtube.com/watch?v=apzXGEbZht0>), o pesquisador afirma que as crianças são extremamente sensíveis às emoções e reagem à interação social. Em um dos experimentos, gravado em vídeo, vemos uma mãe brincando com seu bebê. A criança aponta para diferentes pontos da sala e a mãe olha para esses pontos, tentando se envolver com ela. Pode-se observar a coordenação das emoções enquanto ambas interagem por meio de contato visual, sorrisos e emissão de sons

vocais, mas, de repente, a mãe para de responder. O bebê rapidamente percebe a situação incomum e usa todas as suas habilidades para tentar obter de volta a atenção da mãe. Ela sorri para a mãe; aponta para algum lugar, porque a mãe costuma olhar para onde ela aponta; coloca as duas mãos na frente da mãe; e, por fim, grita por não conseguir chamar sua atenção. Ela reage com emoção negativa, demonstrando angústia e, conseqüente, perda de controle que a faz chorar. Finalmente, a mãe torna a lhe dar atenção e a interação é reestabelecida.

Lee et al (2009, p. 167) explicam que "o vínculo social que se desenvolve cedo entre uma criança e a mãe (facilitada pela ocitocina e outros hormônios) funciona como recompensa e, assim, motiva o comportamento social".

Segundo Barnhart, "mesmo quando bebês, os seres humanos têm necessidade de proximidade e de interação com os outros". Barnhart afirma que as interações positivas auxiliam as crianças a construir uma estrutura emocional para a vida adulta e que as interações negativas fazem com que a criança se sinta mal amada e insegura, o que provocará repercussões negativas na vida adulta.

Apesar de todas essas pesquisas serem com crianças, podemos afirmar que a necessidade de interação continua na vida adulta. Qual adulto gosta de ficar isolado em uma festa ou qualquer outro ambiente onde as pessoas se comunicam umas com as outras? As interações nem sempre são pacíficas e podem também gerar conflito, ansiedade e sofrimento,

A interação está no cerne da aprendizagem de línguas, pois aprendemos línguas para construir relações sociais. Na sala de aula, ela funciona como importante apoio para a aprendizagem, mas pode também ocasionar situações embaraçosas. Mais à frente, apresentarei comprovação empírica de que algumas situações podem gerar empecilho ao desempenho do aprendiz.

A necessidade de interação, de resposta do outro, não se limita aos humanos. Também esperamos reações das máquinas em resposta às nossas ações. Um exemplo é o nosso comportamento em frente a um computador, tal como discutido por Paiva (2003). Da mesma forma que o silêncio ou um rosto congelado perturba o participante em uma interação, como mostra a o experimento de Tronick, os computadores também podem perturbar seus usuários se a máquina não lhes der qualquer pista em resposta às suas ações.

Especialistas em computação levaram em conta o instinto interacional humano e criaram pistas semióticas para nos acalmar. Alguns exemplos são um som específico

que nos dá *feedback* sobre ações erradas e uma barra verde que nos informa sobre a progressão do processo de *download* de um arquivo. Além da barrinha que mostra o progresso do processo, é comum haver janelas com um conjunto de informações diferentes: porcentagem do download, quantidade de MB baixados, taxa de velocidade de transferência, e tempo de espera para a conclusão da tarefa. Todas essas informações vão se modificando à medida que o *download* progride e evita ansiedade do usuário.

Sinais semióticos semelhantes facilitam nossa interação com diversos dispositivos eletrônicos. Ao carregar um I-phone, por exemplo, uma barra verde horizontal nos informa sobre o andamento da recarga. Outros modelos de telefones celulares usam barrinhas brancas verticais. Quanto mais barras exibem, mais carga o aparelho possui.

Todos esses sinais são necessários para que possamos esperar pela resposta da máquina sem estresse ou com repetição inútil de ações semelhantes. Quem nunca apertou repetidamente o botão do elevador apenas porque não havia indicadores luminosos da execução da ação? Ou quem nunca reenviou uma mensagem, porque não viu na tela a mensagem: "sua mensagem foi enviada com sucesso"?

### **Interação na sala de aula**

Como Lee et al (2009, p.9) apontam, "o ímpeto interacional essencialmente motiva as crianças a se apegarem e se afiliarem socialmente com os seus cuidadores." Os autores explicam que é nas interações que os padrões gramaticais emergem e que a linguagem é adquirida. Eles partem do pressuposto que "mecanismos inatos para criação de laços afetivos, afinidade, e afiliação fazem com que as crianças se engajem em interações suficientes e adequadas para garantir a aquisição da língua" (2009, vi). Os autores reconhecem que "enquanto aquisição da primeira língua é inevitável para todas as crianças normais, não existe a mesma garantia para a aquisição de segunda língua pelo adulto" (p.170). No entanto, eles concordam que,

em condições em que a afiliação social e emocional com falantes da língua alvo é suficientemente forte, aspectos dos mecanismos subjacentes ao instinto interacional podem ser ativados de maneira a facilitar a aprendizagem de segunda língua. (p. 8).

A Linguística Aplicada tem enfatizado a importância da interação para a aquisição de segunda língua (ASL). Hatch (1978) e Long (1981, 1996), por exemplo, consideram que a interação é essencial para ASL. Hatch discorda que os alunos primeiro aprendem estruturas para então usá-las no discurso. Ela considera a possibilidade inversa.

"Aprende-se a conversar, aprende-se a interagir verbalmente, e estruturas sintáticas são desenvolvidas nessa interação". (p. 404)

Baseado em um estudo empírico, Long (1981) observou que, em conversas entre falantes nativos e não nativos, há mais modificações na interação do que em dados de falantes nativos. Ele não rejeita o papel positivo do *input* modificado, mas afirma que modificações nas interações são consistentemente encontradas na ASL bem-sucedida. Long (1996, p. 451-2) sugere que a

“negociação de sentido”, especialmente a negociação que desencadeia ajustes interacionais pelo falante nativo ou interlocutor mais competente, facilita a aquisição porque conecta o *input*, as capacidades internas do aprendiz e, em especial, a atenção seletiva e de *output* de forma produtiva.

Larsen-Freeman e Long (1991, p.266) argumentam que as visões interacionistas são mais poderosas que as outras teorias "porque elas invocam tanto fatores inatos quanto ambientais para explicar a aprendizagem de línguas". Também é importante ressaltar que a hipótese interacionista concebe a língua não apenas como um conjunto de estruturas sintáticas, mas também como discurso.

Muitos outros pesquisadores devem ser mencionados quando o foco é a interação e a ASL, como Pica (1987), Tsui (1995), Ellis (1999) e seus colaboradores, van Lier (1996) e Hall e Verplaetse (2000) e colaboradores, Hall (2004, 2007, 2009, 2010), para mencionar apenas alguns. No Brasil, podemos citar muitos trabalhos também relevantes, sempre correndo o risco de ignorar outros. Leffa (2003), por exemplo, organizou um livro sobre este tema com vários pesquisadores brasileiros. Entre eles, gostaria de mencionar os trabalhos de Consolo e Vani (2003) com foco na interação em sala de aula; Figueiredo (2003) discutindo os benefícios da correção em pares em interações orais, e o próprio trabalho de Leffa sobre interações virtuais. Outros trabalhos são Consolo, em Hall e Verplaetse (2000), Consolo (2006), Lima (2000), Lima e Fontana (2003); Sturm e Lima (2008) e muitos outros.

Todos esses trabalhos enfatizam o quão importante é a interação para a ASL. Hall (2000, p. 292) conclui que os trabalhos em seu livro oferecem resultados persuasivos sobre a interação em sala de aula. Pode-se aprender sobre "os papéis decorrentes da repetição, da paráfrase, da reformulação pelos participantes de suas próprias falas e dos outros na sala de aula de forma a promover comunidades coesas e eficazes de aprendizes e de usuários da língua". Hall (2004, p. 611) explica que o papel da interação não é apenas uma questão de reunir "pessoas para trabalhar em busca de

um objetivo comum que leva à transformação", mas de desenvolver relacionamentos interacionais reais.

Apesar da suma importância dos estudos já realizados sobre interação em sala de aula, gostaria de propor uma visão ecológica da interação e ouvir a voz dos aprendizes sobre a questão. Numa abordagem ecológica, a interação será entendida como "a relação entre as espécies que convivem em uma comunidade; especificamente, o efeito que um indivíduo de uma espécie pode gerar em um indivíduo de outra espécie"<sup>2</sup>.

### **Interação em uma perspectiva ecológica**

Como apontado por Leffa (2003, p 2), “ninguém aprende sozinho, como também ninguém cresce, vive, sofre ou morre sozinho; estamos sempre agindo e reagindo com o contexto que nos cerca”. Uma abordagem ecológica, como apontada por van Lier (2004), leva em consideração o que está acontecendo no ambiente. Ele explica que "as coisas estão acontecendo o tempo todo, nas escolas, nas salas de aula, em torno de mesas e computadores" (p. 11). Na verdade, a aprendizagem pode acontecer em qualquer lugar onde o aluno tiver a possibilidade de ter experiências linguísticas interpessoais ou intrapessoais.

Vivemos em biomas, em comunidades ecológicas. Uma comunidade ecológica é definida como “um grupo de espécies vivas interagindo de forma real ou potencial em um mesmo local”<sup>3</sup>. Para crescer e se reproduzir em nossos biomas precisamos de alguns recursos. A língua é um recurso poderoso para aprendizes que precisam de input linguístico e de interação para adquirir a língua. A fala de um aprendiz chinês de Inglês ilustra este ponto, dizendo:

(...) como minha mãe sempre dizia, "a linguagem é tão vital como água e oxigênio, porque o ser humano não pode viver sozinho sem qualquer interação com o mundo exterior. Os humanos necessitam de comunicação com os outros através da língua..." (O texto completo está disponível em <http://llhs.wetpaint.com/page/25>)

Aprendizes de línguas adicionais em um ambiente linguístico pobre encontram dificuldades na aquisição da língua. Da mesma forma, de acordo com o texto “Plant Competition”<sup>4</sup>, "os organismos que vivem em um habitat com recursos escassos, ou

---

<sup>2</sup> <http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/ecological+interaction>

<sup>3</sup> Ecological Communities: Networks of Interacting Species, disponível em: [http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol\\_com/ecol\\_com.html](http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol_com/ecol_com.html), acesso em 17 maio 2012.

<sup>4</sup> Plant Competition. Disponível em: [http://scene.asu.edu/habitat/activities/plant\\_competition.html](http://scene.asu.edu/habitat/activities/plant_competition.html), acesso em: 9 maio 2010.

estão vivendo com mais organismos do que o habitat pode sustentar, provavelmente, não serão tão bem sucedidos quanto aqueles em melhores habitats e com mais recursos". De acordo com esse texto, a escassez de recursos gerará "morte ou, pelo menos, crescimento mínimo". Por analogia, podemos prever que a aprendizagem de uma língua em ambientes pobres, com falta de *input* e de interação, também levará a um desenvolvimento mínimo.

Há três tipos diferentes de interação entre espécies em um bioma: **mutualismo** (quando as duas espécies se beneficiam da interação); **comensalismo** (uma espécie se beneficia e a outra não é afetada); **competição** (cada espécie é afetada negativamente); **predação** ou parasitismo (uma espécie se beneficia e a outra fica em desvantagem)<sup>5</sup>.

Um exemplo de **mutualismo** é a interação entre beija-flores e as flores e o consequente processo de polinização. Ambos, pássaros e flores, se beneficiam com essa interação. **Comensalismo** pode ser ilustrado por orquídeas e musgos e sua relação com as árvores. Apesar de orquídeas e musgos serem beneficiados pela árvore que as hospeda, esta não é afetada por suas hóspedes.

Mas o que acontece quando plantas crescem muito próximas umas das outras? Nesse caso temos a **competição**. As plantas vão competir pela luz do sol, por água e nutrientes sob pena de não sobreviverem. Estas plantas não crescem bem como as que crescem com mais espaço. Além disso, algumas delas se saem melhor na competição do que outras. O último tipo de interação é a **predatória** e, neste caso, o que é benéfico para um representa desvantagem para o outro. Um exemplo é o gafanhoto que come as plantações.

Os aprendizes de uma língua adicional também vivem em biomas naturais ou educacionais e adquirem línguas por meio de interações com professores, colegas e usuários da língua, mediados ou não por tecnologia. Eles experienciam tipos diferentes de interação que ora contribuem para o desenvolvimento da língua e ora constituem-se como obstáculo.

### **A interação na sala de aula na perspectiva ecológica**

Na interação em sala de aula, também podemos encontrar tipos diferentes de interação. **Mutualismo**, quando ambos os parceiros se beneficiam da interação. O

---

<sup>5</sup> Ver [http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol\\_com/ecol\\_com.html](http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol_com/ecol_com.html)



excerto da seguinte narrativa ilustra esse tipo de interação. Apesar de um aluno ter maior proficiência do que o outro, ele afirma que aprendeu muito o ensinar o colega,

Outro fator que contribuiu muito para o meu rendimento no período de curso livre foi um colega de trabalho que estudava no mesmo curso em horário diferente e que tinha bastante dificuldade com a língua inglesa. Por isso, sempre usávamos parte do intervalo do almoço para estudarmos. Como ele estudava num programa regular e eu num programa intensivo, em pouco tempo eu estava em níveis mais avançados que esse colega e passei então a 'conduzir' os encontros de estudo quase como se fosse um professor particular. Essa experiência foi muito boa para o meu processo de aprendizagem porque eu estava sempre revisando o que eu já havia estudado para estudar com esse amigo. Mais tarde a experiência de ensinar continuou profissionalmente e tem sido assim até hoje. (Disponível em <<http://www.veramenezes.com/p026.htm>>, acesso em 20 jan 2012)

Poucos aprendizes tem a mesma percepção do narrador anterior e o mais comum são as descrições de um tipo de **comensalismo**, quando os menos proficientes se beneficiam da interação sem nenhum benefício para os parceiros mais competentes, como é o caso do amigo do próximo narrador:

Um dia, perguntei a um amigo, se ela gostaria de estudar comigo, a fim de que nós podessemos aperfeiçoar nosso Inglês. Então ela respondeu: "Não, obrigada, eu não quero estudar com alguém que sabe menos do que eu. Não vale a pena" Fiquei tão envergonhado que eu mal podia encontrar uma resposta para isso. Então eu disse: Ok, obrigado de qualquer maneira. (Disponível em <[www.veramenezes.com/multi15.htm](http://www.veramenezes.com/multi15.htm)>, acesso em 20 jan. 2012.)

Há ainda um tipo de interação que pode classificada como **competição**. Ele acontece quando os extrovertidos roubam o turno dos mais tímidos. Algumas vezes, isso acontece até mesmo quando o professor nomeia um aluno com mais dificuldade para tomar o turno. Veja como isso é narrado no próximo excerto de uma narrativa de aprendizagem.

Most of my classmates already studied the language at private courses, so they could answer the teacher's questions very well and very quickly too. The teacher followed their pace. (Disponível em <[www.veramenezes.com/13nar-cliteracy.doc](http://www.veramenezes.com/13nar-cliteracy.doc)>, acesso em 20 jan. 2012)

Finalmente a interação **predatória** acontece em casos de bullying, quando o escárnio e o assédio moral silenciam os alunos menos proficientes. Como veremos nas duas narrativas seguintes.

Lembro-me de uma colega que ao tentar ler num diálogo a seguinte frase: "Excuse me, madam!" ela disse: "Excuse me, mãe!" Foi a piada do dia ou do ano talvez! Até hoje quando a vejo vemo um misto de dó e vontade de rir ao relembrar da cena. Até hoje a coitada apavora-se com o Inglês, ela foi a minha colega na graduação e sofria como na adolescência. (Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/pf032.htm>>, acesso em 20 jan. 2012)

No início eu detestei, muitos colegas satirizavam daqueles que não sabiam nada, e é claro, eu era uma das vítimas. As dificuldades foram inúmeras, pensei em desistir, mas meus pais pediram para dar seguimento, não se importando com os colegas. Através de uma busca instigante por força é que decidi continuar. (Disponível em: <[http://www.veramenezes.com/i\\_lima\\_030.htm](http://www.veramenezes.com/i_lima_030.htm)>, acesso em 20 jan. 2012)

Além desses quatro tipos de interação, no caso dos seres humanos, outro tipo deve ser incluído na lista: a interação mediada. O homem é a única espécie capaz de desenvolver tecnologia para ampliar sua interação dentro e fora do seu próprio bioma. Livros, correio, telégrafo, telefone, TV, rádio, cinema e internet são alguns dos exemplos de artefatos culturais. A maioria desses artefatos tem sido utilizada na educação para melhorar a interação na sala de aula, principalmente nas aulas de língua.

Eu gostaria de avançar na perspectiva ecológica e afirmar que a interação em sala de aula não é suficiente para SLA. A pesquisa com narrativas de aprendizagem (MURPHEY, 1997, 1998; MENEZES, 2008; MURRAY, 2009) tem demonstrado a importância da interação em ambientes naturais para ASL.

O mesmo estudante chinês, que considera a linguagem como um recurso vital também disse: "não podemos usar apenas o chinês para se comunicar com as pessoas cujas origens são semelhantes às nossas para o resto de nossas vidas". Outro estudante chinês destacou a importância da interação com falantes mais proficientes e disse: "eu fiz alguns amigos entre os colegas que são falantes nativos de Inglês e aqueles que estudaram no exterior, e eu tenho mais chance de falar Inglês. Interagindo com eles, eu me torno mais fluente" (Narrativa completa em: <<http://llhs.wetpaint.com/page/29>>).

De fato, os seres humanos podem viver em diferentes biomas da Terra e estão fazendo tentativas para viver em outros espaços do universo. Como a língua é o nosso principal recurso comunicativo, é necessário aprender outras línguas para interagir dentro do nosso bioma natural e em outros biomas com as quais temos contato. Empoderados pelas novas tecnologias, os alunos podem ampliar suas experiências interacionais e ir além das paredes da sala de aula.

Nós todos sabemos que a interação em sala de aula ainda não recebeu a atenção que merece em nossas escolas. Em minha pesquisa narrativa (PAIVA, 2007 e MENEZES, 2008), registro que os narradores repetidamente se queixam da falta de interação em sala de aula. Um deles disse: "Eu não acho que meu curso era bastante comunicativo. Faltou mais interação, linguagem funcional, dramatizações e dinamismo. O foco foi mais sobre gramática". Poucos narradores falam sobre experiências

interativas positivas em escolas regulares, mas podemos encontrar comentários positivos como no relato da seguinte experiência:

As aulas eram muito comunicativas e centradas no aluno; materiais variados foram usados: havia muita interação - geralmente erámos incentivados a expressar nosso ponto de vista e a fornecer exemplos pessoais, o objetivo do curso e das atividades eram definitivamente muito bem claras; aprendemos variações da linguagem: sotaques, inglês britânico x inglês americano, gírias etc. Outro ponto positivo foi o número de alunos em sala de aula: não superior a oito. (Disponível em: < <http://www.veramenezes.com/i018.htm>>)

O que chama minha atenção quando leio as narrativas em meu corpus é como as experiências interacionais fora da escola contribuem para a aquisição da língua. Um exemplo representativo é dado por um estudante que também é um competidor de skate. Veja o que ele diz:

Na verdade o skate tem sido uma 'catapulta' para o meu processo de aprendizagem de Inglês. É comum encontrar falantes nativos de inglês em competições de skate, então eu tinha que me comunicar com eles, a fim comentar sobre a competição, ou mesmo sobre a minha própria apresentação, por exemplo. Os primeiros passos estão, então, relacionados com o processo de aprendizagem comunicativa, pois o uso real da língua era necessário para a comunicação. Gírias e jargões eram usados o tempo todo, e eu não sabia exatamente o que eles queriam dizer, mas eu podia entender o seu significado através do contexto em que estávamos. Depois disso, meu interesse pelo inglês aumentou em muitos aspectos, tais como a música, arte e esportes, o que é apenas a continuidade do processo que começou quando eu era criança. (Disponível em: <http://www.veramenezes.com/i001.htm>)

Outro exemplo significativo é narrado por um aprendiz de língua espanhola que gosta de futebol e começou a procurar mais informações sobre as equipes sul-americanas em diferentes países. Ele diz que, fazendo pesquisa sobre os diversos times, ele entrou em contato com as músicas que os fãs costumavam cantar durante as competições. Ele, então, decidiu aprender espanhol para entender as letras. (ver narrativa completa em <<http://www.veramenezes.com/audio06e.htm>>)

Muitos outros exemplos podem ser encontrados em nosso banco de dados, mas os relatos aqui reproduzidos são suficientes para compreendermos que as oportunidades de interação não são as mesmas para todos os alunos e que a interação em sala de aula, além de insuficiente pode trazer constrangimentos para alguns alunos.

### **Considerações finais**

Não é minha intenção minimizar o papel da interação na sala de aula, mas, no meu corpus de narrativas de aprendizagem de línguas, os alunos com oportunidades de interação em contextos fora da sala de aula dizem que essas experiências representaram

uma guinada em seu processo de ASL. Essas histórias indicam que os alunos só se tornam fluentes se eles têm a oportunidade de ampliar suas percepções como usuários da língua e se se engajarem em práticas sociais de linguagem autênticas.

Minha suposição é que nós, como professores, podemos colaborar para ampliar o acesso a outros os biomas por nossos alunos, colocando-os em contato com outros aprendizes ou falantes em ambientes mediados pela tecnologia. Vários exemplos podem ser mencionados aqui. Um deles é o projeto International Writing Exchange (Disponível em: <<http://www.writeit.to/>>), coordenado por Ruth Vilmi, em Helsinki. Um exemplo brasileiro é o Projeto Teletandem, coordenado por João Telles da UNESP, onde pares de alunos trabalham juntos, ensinando sua própria língua e aprendendo a língua do parceiro, ao mesmo tempo. Um terceiro exemplo é o projeto Ibunka, coordenado por Watanabe, no Japão. Seu projeto reúne grupos de estudantes e seus professores em diferentes partes do mundo para trocar pontos de vista sobre as diferentes questões culturais. As atividades envolvem um fórum de discussão, sessões de chat e trocas de *video letters*.

Mas como nem toda interação traz benefícios, considero que investigar a interação no ambiente educacional na perspectiva ecológica pode nos ajudar a entender que a sala de aula funciona como um bioma natural e as interações não acontecem apenas para ajudar no desenvolvimento da aprendizagem. A sala de aula também é uma arena de disputa de poder onde competições e atitudes predatórias acontecem.

As pesquisas apoiadas pela teoria sociocultural, geralmente, limitam-se a defender a importância da colaboração e ignoram os tipos de interação que impedem o desenvolvimento do aprendiz. Considero relevante que futuras pesquisas se debrucem sobre esse tema e procurem soluções para o problema da competição e da interação predatória. Além disso é importante ainda refletir sobre o par mais competente e verificar se esse tipo de interação se constitui em mutualismo ou comensalismo. Afinal todos os alunos devem ter oportunidade de desenvolvimento.

## **Referencias**

BARNHART, D. The need for positive interaction for babies and young children. Disponível em: <http://www.helium.com/items/503386-the-need-for-positive-interaction-for-babies-and-young-children>

CHAPELLE, C.A. *English Language Learning and Technology*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

CONSOLO, D.A.; VANI, J. P. Ensino de línguas na escola um estudo transversal da interação em sala de aula. In: LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003. p.47-74

CONSOLO, D. A. Classroom oral interaction in foreign language lessons and implications for teacher development. *Revista Linguagem e Ensino*, v.9, n. 2. 2006. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/index>

CONSOLO, D. A.. Teachers' action and student oral participation in classroom interaction. In: Joan Kelly Hall; Lorrie Verplaetse. (Org.). *Second and Foreign Language Learning through Classroom Interaction*. 1a ed. Mahwah, New Jersey - EUA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers, 2000, v. , p. 91-107.

CRAIK, F. I. M.; LOCKHART, R. S. [Levels of processing: A framework for memory research](#). *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 11, 671-684, 1972.

ECOLOGICAL COMMUNITIES: Networks of Interacting Species. Disponível em: [http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol\\_com/ecol\\_com.html](http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol_com/ecol_com.html)

ELLIS, R. *Learning a second language through interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

FIGUEIREDO, F. J. Q. A aprendizagem colaborativa: foco no processo de correção dialogada. In: LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003. p.125-157

HATCH, E. Discourse analysis and second language acquisition. In: HATCH, E. (Ed.). *Second language acquisition*. Rowley, MA: Newbury House, 1978.

HALL, J. K. Language learning as discursive practice. In: L. Wei ; V. Cook (Eds.), *Contemporary Applied Linguistics* , Volume 1 Language Teaching and Learning. New York: Continuum, 2010, p. 256-273.

HALL, J.K. Interaction as method and result of language learning. *Language Teaching*. v. 43, p. 1-14, 2009.

HALL, J. K. (2007) Redressing the roles of correction and repair in research on SLA. *Modern Language Journal*. v. 91, p. 510-525, 2007.

HALL, J. K. Language Learning as an Interactional Achievement. *The Modern Language Journal*, V. 88, N. 4, Special Issue: Classroom Talks. Blackwell Publishing on behalf of the National Federation of Modern Language Teachers Associations, p. 607-612, Winter, 2004.

HALL, J.K.; VERPLAETSE, L. (Eds.). *Second and Foreign Language Learning through Classroom Interaction*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2000.

- LANTOLF, J; APPEL, G. *Vygotskian approaches to second language research*. Norwood, NJ: Ablex, 1994.
- LEE et al. *The interactional instinct: the evolution and acquisition of language*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- LEFFA, V. Interação simulada: um estudo da transposição da sala de aula no processamento de leitura-escrita dos aprendizes. In: LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003.
- LIMA, M. S.; FONTANA, Beatriz . A negociação de sentido e a interação na aquisição de LE. In: Telma Gimenez. (Org.). *Ensinando e Aprendendo Inglês na Universidade: Formação de professores em tempos de mudança*. Londrina: ABRAPUI, 2003, v. 1, p. 233-239.
- LIMA, M. S. Vozes da sala de aula: interação em língua estrangeira. In: Freda Indursky; Maria do Carmo Campos. (Org.). *Ensaio: Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra- Luzzatto, 2000. p. 535-546.
- LONG, M.H. The role of linguistic environment in second language acquisition. In: RITCHIE, C.; BHATIA, T. K. Bhatia (Eds.) *Handbook of second language acquisition* San Diego: Academic Press, 1996. p. 413–468.
- MENEZES, V. Multimedia language learning histories. In P, Kalaja; V. Menezes and A.M.F. Barcelos. (Eds.), *Narratives of learning and teaching EFL, 2008*, London: Palgrave-Macmillan, p.199- 213.
- MURPHEY, T. (Ed.) *Language learning histories II*. Nagoya, Japan: South Mountain Press, 1998.
- MURPHEY, T. (Ed) *Language learning histories*. Nagoya, Japan: South Mountain Press, 1997.
- MURRAY, G. L. (ed.) *Restrospective: Learning English in Japan*. Akita: Center for Independent Language Learning, Akita International University, 2009.
- PAIVA, V.L.M.O. Feedback em ambiente virtual. In: LEFFA.V. (Org.) *Interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2003. p. 219-254.
- PAIVA, V.L.M.O. As habilidades orais nas narrativas de aprendizagem. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. v. 46, n.2.p.165-179, 2007.
- PICA, T. Research on negotiation: What does it reveal about second-language learning conditions, processes, and outcomes? *Language Learning*, v. 44, n. 3, p.493–527, 1994.
- PICA, T. Second language acquisition, social interaction in the classroom. *Applied Linguistics*. v. 7, n. 1. p. 1-25, 1987.
- STURM, L.; LIMA, Marília dos Santos. Repensando a formação docente: interação e mediação do conhecimento. In: SANTOS, S.C.K.; MOZZILLO, I.. (Org.). *Cultura e*

diversidade na sala de aula de língua estrangeira. Pelotas - RS: Editora UFPEL, 2008, p. 208-227.

Ecological Communities: Networks of Interacting Species Disponível em:  
<[http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol\\_com/ecol\\_com.html](http://www.globalchange.umich.edu/globalchange1/current/lectures/ecol_com/ecol_com.html)>

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003.

TSUI, A. B. M. *Introducing classroom interaction*. London: Penguin English, 1995.

Van LIER, L. *The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective*. Norwell, Mass.: Kluwer Academic Publishers, 2004.

Van LIER, L. *Interaction in the Language Curriculum: Awareness, Autonomy, and authenticity*. London: Longman, 1996.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.